

Os viajantes nórdicos na memória histórica norte-americana

Nordic Travelers in North American Historical Memory

Igor de Mattia Buogo¹

KRUEGER, David M. *Myths of the Rune Stone: Viking Martyrs and the Birthplace of America*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.

No ano de 1898, numa propriedade rural em Kensington, Minnesota, um artefato singular foi encontrado por um fazendeiro local, chamado Olof Ohman: uma pedra rúnica, suscitando indícios uma remota presença *viking* na região. A ideia de uma longínqua exploração nórdica na Nova Inglaterra e no centro-oeste dos Estados Unidos, tema de fato debatido por sociedades antiquárias durante o século XIX, ganhou uma grande aderência com a obra de popularização histórica do estudioso Rasmus B. Anderson, *America Not Discovered by Columbus*, de 1874, popularizando entre leitores americanos e descendentes de escandinavos a “descoberta” da América pelos nórdicos nos tempos medievais. Longe de ser o único a falar do assunto, seu livro foi um dos mais divulgados.

Além disso, o estabelecimento de comunidades escandinavas nos Estados Unidos, a partir de imigrações ocorridas durante o século XIX, proporcionou um contexto fértil para a valorização de temáticas relacionadas aos nórdicos antigos. Na estimativa de Elizabeth Ward, aproximadamente 370 mil suecos, noruegueses e dinamarqueses desembarcaram na América do Norte entre 1850 e 1875²; Daron W. Olson, em estudo abrangente que tratou as conjunturas das imigrações norueguesas para o país, bem coloca que a identificação construída por essas gerações de imigrantes com os nórdicos de um passado romaneado proveu-os de um arsenal simbólico e identitário, capaz de dar novo sentido à história americana e forjar fronteiras culturais no interior do país³. As tradições referentes ao passado “nórdico” dos Estados Unidos, inclusive, encaixam-se nos conceitos de memória pública e cultura vernacular, mobilizados pelo historiador americano John Bodnar ao estudar a constituição de memórias sociais nos Estados Unidos ao longo do século XX.

¹ Graduando em História. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma, Santa Catarina, Brasil. E-mail: igor_buogo@outlook.com

² WARD, Elisabeth I. Reflections on an icon: Vikings in American Culture. In: FITZHUGH, William W; WARD, Elisabeth I (Org.). *Vikings: The North Atlantic Saga*. Washington/London: Smithsonian Institution Press, 2000. p. 365-373

³ OLSON, Daron W. *Vikings across the Atlantic: Emigration and the Building of a Greater Norway, 1860-1945*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013. p. 25-67

Segundo o historiador, sociedades situadas no interior do estado-nação moderno fundamentam uma autoimagem com base em leituras particulares do passado histórico do país em que se assentam, ora absorvendo, ora rechaçando elementos da memória histórica oficial. A partir de interesses locais e específicos, que podem ser “reformulados de tempos em tempos pela criação de novas unidades sociais”⁴, a memória pública regional dá molde às culturas vernaculares – comunidades formalmente incorporadas ao Estado moderno, mas discursivamente divergentes, pois incitam diferentes narrativas memoriais e históricas que dialogam de modo mais harmônico à interesses localmente situados. Nesse sentido, a veiculação de ideias referentes à América “nórdica” é um exemplo prático de como interesses regionais, focados em discursos e instituições presentes em regiões com maior densidade de escandinavos – Massachusetts, Wisconsin e Minnesota –, puderam dar primazia a uma determinada narrativa do passado, formulando novos mitos cívicos que sustentaram as particularidades da identidade escandinava em solo norte-americano.

Numa narrativa que se intenta em discutir a formação de um destes mitos cívicos envolvendo a exploração nórdica nos Estados Unidos anteriormente à colonização inglesa, assim como a historiografia intrincada no assunto, a obra *Myths of the Rune Stone: Viking Martyrs and the Birthplace of America*, de David M. Krueger, analisa um caso local em articulações pertinentes à diferentes contextos histórico-sociais nacionais. Obra de estreia do autor, um historiador e educador independente nascido em Minnesota, porém situado na Filadélfia, PhD em religião pela Temple University, cujo rol de interesses incluem cultura popular contemporânea, história pública e mitos sociais, *Myths of the Rune Stone* delimita a pedra rúnica de Kensington, encontrada em 1898, como principal objeto de estudo. Krueger aborda este artefato como um objeto alçado à categoria de monumento, continuamente ressignificado por grupos sociais da região de Minnesota, realizando, desse modo, uma pesquisa histórica em diálogo à memória social e à sociologia, demonstrando como os usos sociais da pedra em questão serviram de forma profícua para proclamar interesses identitários, políticos, religiosos e mesmo raciais.

É importante acentuar, contudo, que desde os anos seguintes ao descobrimento do objeto, diversos especialistas demonstraram sua fraude⁵. O monumento, porém, sustentou não somente evidências de uma suposta exploração precoce dos ancestrais escandinavos naquele mesmo território, como também assegurou a formação de um “mito cívico de origem” próprio por parte dos imigrantes locais. A memória histórica da

⁴ Vernacular culture [...] represents an array of specialized interests that are grounded in parts of the whole. They are diverse and changing and can be reformulated from time to time by the creation of new social units [...]. In: BODNAR, John. *Remaking America: Public Memory, Commemoration, and Patriotism in the Twentieth Century*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992. p. 14

⁵ Ainda em 1899, o professor da Universidade de Minnesota, Olaus Breda, já havia constatado que a pedra rúnica fora fabricada no século XIX por habitantes locais, ao misturar grafias modernas com elementos de runas antigas. Mais recentemente, a análise feita pelo especialista em runas Henrik Williams demonstrou que as inscrições na pedra de Kensington assemelham-se muito mais à outras produzidas no século XIX do que às concernentes ao período medieval. Cf. WILLIAMS, Henrik. The Kensington Runestone: Fact and Fiction. *The Swedish-American Historical Quarterly*, Chicago, v. 63, n.1, jan 2012, p. 3-22

região concebeu comemorações, festivais e ritualizações entorno da pedra rúnica, dando concretude a tal mito. Do sociólogo norte-americano Robert Bellah (1927-2013), por exemplo, o autor utiliza o conceito de "religião civil" para compreender tais manifestações cívicas de caráter religioso que se desenvolveram ao redor do artefato.

Descoberta sob as raízes de uma árvore, a pedra de Kensington suscita uma narrativa de martírio de nórdicos cristãos que teriam ancorado na região centro-oeste americana durante o século XIV. Desde 1958 a pedra é exposta num museu próprio em Alexandria, Minnesota, e em sua superfície, destaca-se o relato de exploradores nórdicos que, em 1362, teriam alcançado o território que viria a ser Minnesota durante uma missão cristianizadora, sendo massacrados por nativo-americanos. Os poucos sobreviventes teriam sido os responsáveis por gravar as runas, antes de voltarem ao mar⁶.

Krueger defende em sua obra que as circunstâncias que envolveram a promoção social da pedra rúnica de Kensington, desde a sua descoberta, são importantes especificidades que fornecem uma compreensão da cultura americana em dimensões gerais e particulares, optando o autor por abrir mão de discussões cíclicas voltadas à autenticidade/origem do objeto somente. Organizada em 5 capítulos cronologicamente ordenados, a atenção de Krueger recai sobre eventos e períodos da história americana durante os séculos XIX e XX, elucidando de que modo diferentes conjunturas implicaram novos sentidos e usos regionais e nacionais impingidos à pedra rúnica e sua narrativa particular do passado histórico americano. Assim, o primeiro capítulo imerge o leitor nos debates novecentistas sobre a presença viking na América, evidenciando os contextos em que a pedra de Kensington foi primeiramente “descoberta” e promovida.

Tendo como principal fonte as obras e artigos de Hjalmar Holand (1872-1963), imigrante norueguês que se destacou como historiador regional no centro-oeste americano, Krueger encontra no autor os primeiros esforços para concretizar uma memória étnica e laudatória em relação à pedra rúnica em Minnesota. Advogando a veracidade do monumento, na contramão dos acadêmicos que se “isolam em suas torres de marfim”, segundo as palavras do próprio, Hjalmar Holand foi uma figura fundamental na defesa da pedra de Kensington e nos posteriores esforços políticos para torná-la um símbolo étnico e publicamente venerado na região norte do país, nicho de considerável população escandinava.

Diferentes contextos, com efeito, promoveram uma multiplicidade de discursos que ascenderam continuamente os interesses locais pela pedra rúnica de Kensington. O segundo capítulo trata a forma como,

⁶ Uma tradução brasileira da inscrição na pedra foi realizada por Rodrigo Mourão Marttíe, na íntegra: “8 godos [suecos] e 22 noruegueses em (uma?) viagem de exploração de Vinland vindos do Oeste. Tínhamos acampado junto de dois (?) a um dia de jornada para o norte a partir deste rochedo. Pescamos por um dia. Depois de voltarmos a casa encontramos 10 manchados de sangue e mortos. Ave Maria salve do mal. Dez homens estão no mar olhando nossos navios a 14 dias de viagem desta ilha. Ano 1362”. MARTTIE, Rodrigo Mourão. Paleografia. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Lutfé. (Org.). *Desvendando os Vikings: Estudos de Cultura Nórdica Medieval*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 12

em decorrência de traumas advindos de massacres entre os imigrantes e os povos dakota no século XIX, as narrativas em jornais locais de Minnesota, utilizadas como fontes de discursos jornalísticos e políticos, durante o período de 1900 a 1920, frisaram que os antigos nórdicos teriam sido os primeiros brancos sacrificados nas mãos dos *skraelings* – termo em nórdico antigo para os povos nativos da Groenlândia e Canadá –, segundo as informações “traduzidas” da pedra rúnica. Tais prédicas, circuladas em jornais e por autores diversos, prenunciavam o heroísmo dos escandinavos pioneiros frente às ansiedades relacionadas à ocupação do território. Essas visões evocavam, segundo o autor, tanto a suposta inocência de “imigrantes escandinavos como de anglo-americanos no genocídio e exílio”⁷ dos povos nativos.

A partir da década de 1920, as famílias de origem escandinava já estavam suficientemente absorvidas na sociedade americana, e cada vez mais o tema dos nórdicos foi aderido ao imaginário do país, o cinema cumprindo esse papel com obras como *The Viking*, de 1928, filme colorido que se encerra com a chegada dos vikings na costa americana. Desse modo, o campo econômico se mostrou como a principal estrutura na qual novos usos foram proporcionados à pedra de Kensington: sua utilização para fomentar o turismo local esteve em estrita relação com o início das comemorações públicas de caráter étnico que se desenvolveram nas cidades interioranas de Minnesota. Em 1928, a cidade de Alexandria adquiriu a pedra diretamente de Holand, dando início aos festivais cívicos que rememoravam o sacrifício dos vikings na América de outrora. No terceiro capítulo, são demonstrados os esforços das instituições locais em investir no turismo e crescer economicamente ao materializar tal tradição, visando rivalizar com sítios históricos presentes na Filadélfia e em Boston. Para tanto, o autor analisou os discursos políticos e os festivais étnicos que começaram a ocorrer na região a partir dos anos 1930.

Contudo, como um monumento que deu visibilidade a um mito e ascendeu significativamente o patamar regional, diferentes agentes sociais utilizaram-se da pedra rúnica e sua narrativa sacrificial a fim de vivificar seu poder simbólico na sociedade. O quarto capítulo mostra como a ascensão de grupos católicos em Minnesota – estatisticamente modestos ante a maioria protestante –, a partir dos anos 1950, transfigurou os significados coletivos atribuídos às runas entalhadas. John Ireland, bispo de uma arquidiocese da região, foi um dos primeiros a interpretar a inscrição rúnica como uma oração à Virgem Maria, o que o autor entende como um esforço para reforçar o status social dos católicos no país, “integrando-os à memória coletiva americana”⁸. As viagens nórdicas à América do passado tornaram-se, nesta visão, exemplos de

⁷ [...] the ritualized evocations of Viking martyrdom perpetuated ongoing notions of both Scandinavian immigrant and Anglo-American innocence in the genocide and exile of Native Americans. KRUEGER, David. *Myths of the Rune Stone: Viking Martyrs and the Birthplace of America*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015, p. 67

⁸ Ireland’s endorsement of the Minnesota rune stone can be seen as an effort to bolster the social status of his fellow Catholics by integrating them into the American collective memory. *Ibid.*, p. 100

cruzadas cristianizadoras, ocasionando a criação do santuário católico *Our Lady of the Runestone*, na cidade de Kensington, em 1958.

O advento da Guerra Fria e o fervor religioso que despontou no país em decorrência do anticomunismo foi uma experiência capaz de, outra vez, fazer com que o artefato servisse como um “símbolo de bravura diante dos poderosos inimigos da nação americana”⁹, papel outrora direcionado aos povos nativos. No quinto e último capítulo, Krueger analisa os temores da secularização dos valores, da corrida espacial e da guerra simbólica contra a União Soviética enquanto motivos que convergiram para que a pedra de Kensington continuasse a ter seu nicho de defesa fiel – a despeito de estudos linguísticos e geológicos que atestavam sua fabricação moderna –, através de reencenações históricas moralizantes, romances, e pregações que valorizavam o relato da pedra como uma manifestação precoce dos “valores americanos” ligados ao sacrifício heroico pela pátria e à religião. Tais alegações, inclusive, adequavam-se às conturbações sociais decorridas do envolvimento do país na Guerra do Vietnã, a partir dos anos 1960.

No século XXI, a pedra de Kensington continua a gerar debates. Programas de televisão americanos já a tornaram protagonista de discussões cuja barreira entre história e sensacionalismo são tênues, e mesmo o mito dos cavaleiros templários na América foi relacionado ao monumento. Sabe-se, porém, que desde os anos 1960, genuínos vestígios de viajantes escandinavos foram encontrados em regiões canadenses, e há uma relativa lacuna na obra em trazer tais informações e associar como tais descobertas arqueológicas impactaram a realidade local da pedra rúnica em questão. A abordagem do livro *Myths of the Rune Stone* infere, assim, uma discussão antescultural dos usos, das funções e das significações sociais dessa mitologia envolta de um artefato.

O livro de David Krueger enfoca uma dimensão local, ao mesmo tempo que suscita uma compreensão do imaginário nórdico nos Estados Unidos e dos tensionados processos históricos sob os quais construíram-se diferentes identidades étnicas e socioculturais no interior do país. A obra trata a forma como uma comunidade apropriou-se de um território, forjando fronteiras simbólicas que, não obstante incluem indivíduos de uma mesma etnia ou religião, com expectativas compartilhadas, também servem para delimitar o(s) Outro(s), construindo uma identidade baseada na diferenciação. A competência do estudo é o de também estimular discussões sobre os usos coletivos de um passado imaginário e as tensões existentes entre a história acadêmica e a memória social, responsável por erigir tradições ao redor de objetos, locais e eventos, que dão substância e contorno às identidades regionalmente localizadas e seu patrimônio simbólico e material.

⁹ In the context of the Cold War religious fervor in 1958, it is likely that locals, once again, saw the artifact as a suitable symbol of bravery in face of the nation’s powerful enemies. *Ibid.*, p. 121

Referências

BODNAR, John. *Remaking America: Public Memory, Commemoration, and Patriotism in the Twentieth Century*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992.

MARTTIE, Rodrigo Mourão. Paleografia. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Lutfé. (Org.). *Desvendando os Vikings: Estudos de Cultura Nórdica Medieval*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 11-31

OLSON, Daron W. *Vikings across the Atlantic: Emigration and the Building of a Greater Norway, 1860-1945*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

WARD, Elisabeth I. Reflections on an icon: Vikings in American Culture. In: FITZHUGH, William W; WARD, Elisabeth I (Org.). *Vikings: The North Atlantic Saga*. Washington/London: Smithsonian Institution Press, 2000. p. 365-373

WILLIAMS, Henrik. The Kensington Runestone: Fact and Fiction. *The Swedish-American Historical Quarterly*, Chicago, v. 63, n.1, jan. 2012, p. 3-22

Recebido em 16/04/20 aceito para publicação em 24/05/21.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.